

“O PAI É O FORTE POLEGAR, A MÃE É A RAINHA DO LAR” TRAJETÓRIAS FEMININAS NO SAGRADO

Alesca Prado de Oliveira¹
Alessandro Gomes Enoque²

RESUMO: Este artigo teve, como objetivo principal, tratar a inserção de mulheres em espaços religiosos, suas trajetórias e, a partir destas, a influência das igrejas e organizações em suas dinâmicas. Para fins deste artigo, de natureza qualitativa, foram entrevistadas quinze mulheres selecionadas considerando suas trajetórias religiosas. Para a compreensão destas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Pôde-se constatar que, a partir das diferentes trajetórias das mulheres nas religiões, explicitaram-se as diversas maneiras em que as denominações padronizam as identidades de seus seguidores. O papel designado as mulheres, parece, ainda, estar fortemente relacionado à condição biológica da reprodução, enquanto funções de liderança, que apresentam prestígio nas instituições, são reservadas a figura masculina.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Religião. Trajetórias.

1 INTRODUÇÃO

As compreensões acerca do gênero, consideradas a sombra das influências das construções sociais, que produzem estruturas de poder e relações, estão sob o enfoque de diversos autores (FREIRE, 2016; JABLONSKI, 2010; LAPA, 2016). Este debate assumiu papel importante frente às mudanças nos espaços de poder que, antes restritos, agora são ocupados por mulheres.

No que se refere às relações de poder, sua distribuição entre os gêneros e a constituição das

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada em Gestão em Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

2 Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP/PONTAL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-Doutor em Sciences Humaines pela École des Sciences de la Gestion (ESQ) da Université du Québec à Montréal (UQAM). Doutor em Ciências Humanas (Sociologia e Ciência Política) pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Mestre em Administração de Empresas (Área de Concentração: Organizações e Recursos Humanos) pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG). Coordenador do Núcleo de Estudos em Invisibilidade Laboral e Social (NILS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenador do Núcleo de Estudos em Organizações (NEORG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



estruturas a partir disso, deve-se considerar as divergências das comunidades em que estas relações se formam. Portanto, corroborando com Lima e Mello (2012), o gênero e seus desdobramentos, apresentam diversas trajetórias que refletem as particularidades de seus locais de produção. As especificidades da inserção de mulheres, nos diversos campos, são enfoque de pesquisas que buscam identificar o modo como estes espaços foram conquistados e a maneira com que se moldam as relações a partir destes (VILLAS-BOAS; HERAS, 2014; TEIXEIRA, 2008). Os anseios e motivações para as mudanças e continuidades nos caminhos traçados por mulheres se dão como uma provocativa a se desvelar neste estudo.

A religião, as relações no seu ensejo, bem como as questões de gênero estão igualmente nos roteiros de pesquisadores a fim de traçar como influenciam entre si e as trajetórias das mulheres envolvidas neste campo (CANDIOTTO, 2010; FREIRE, 2016). A construção do papel social feminino se entrelaça com os moldes e as representações das religiões no desenvolvimento da sociedade, vinculando sua participação a espaços que foram designados nas igrejas a partir de escrituras sagradas (LOPES, 2013). Este artigo tem o intuito de tratar as questões que associem e desvelem as relações de gênero com a religião e, neste caminho, compreender esta atuação na produção do feminino. Apreendemos o gênero inserido nas relações de poder e na materialização da estruturação dos papéis. O principal objetivo será tratar a inserção de mulheres em espaços religiosos, suas trajetórias e, a partir destas, a influência das igrejas e organizações em suas dinâmicas. As análises desenvolveram-se através da retrospectiva de um grupo de mulheres inseridas em diferentes entidades religiosas em uma cidade do interior de Minas Gerais.

O grupo pesquisado neste artigo apresenta como característica comum, trajetórias em instituições evangélicas. Desta maneira, buscamos compreender como estes espaços refletiram na construção das concepções do ser mulher. Justificamos tal escolha por considerar o crescimento vertiginoso dos evangélicos nas últimas décadas, que alterou, substancialmente, a dinâmica do campo religioso brasileiro (MARIANO, 1999).

Retomando o que apontou Roese (2015), o entendimento de religião centrou-se no cristianismo e, assim, foram construídas as investigações sociológicas neste ensejo. A autora destaca, ainda, a necessidade de se escutar os sujeitos e levar em conta suas experiências para a compreensão da relação mulheres e religião. Faz-se necessário investigar as formas com que as mulheres relacionam-se com a religião, apreendendo seu cotidiano religioso, seus fluxos e redes, para assim compreender o seu sentido para elas.

2 GÊNERO, MULHERES E RELIGIÃO

As condições em que vivem homens e mulheres são produtos das construções sociais, que baseiam-se na divisão material do trabalho. Esta divisão sexual do trabalho, historicamente adaptada as sociedades, aloca as mulheres ao âmbito reprodutivo enquanto os homens ficam com a esfera produtiva. Esta dinâmica separa e hierarquiza a divisão, legitimando os papéis sociais reafirmados pelas condições biológicas dos atores. Não diferente das outras formas de divisão do trabalho, a divisão sexual também apresenta-se mutável, mostrando suas diferentes faces de acordo com o tempo e espaço em que se expressam (KERGOAT, 2009).

A apreensão do gênero como categoria de análise, além de validar os estudos acadêmicos, subsidiou as discussões que o colocam intimamente inserido nas relações de poder. “O gênero

é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana “(SCOTT, 1990, p.17). A partir da divisão estabelecida, os significados são constituídos e legitimam as relações hierarquizadas a partir deles.

Sobre as relações construídas a partir das representações simbólicas, Nunes (2009) apontou que o pertencimento a um determinado sexo ou “raça” delimita as práticas religiosas. A autora reitera a capacidade de ação das crenças sobre as estruturas sociais, seja reforçando ou modificando-as.

Correlacionar o gênero com outros aspectos sociais nos faz analisar as estruturas e sistemas em movimento, repensando a sociedade a partir de outras lentes. Desta maneira, Musskopf (2013), ao abordar questões que precisam ser reconsideradas na sociedade, pondera o gênero e ressalta que a religião também deve estar inserida. Alerta, ainda, que a religião exerce influência nas relações humanas, incluindo as de gênero, e se apoia em Gebara (2008) para embasar que as religiões gerenciam as atividades humanas e, dessa maneira, passam a controlá-las.

A compreensão de gênero enquanto ato é abordada por Gouvêa Neto (2013), que busca compreender, através das performances e práticas, os sujeitos que materializam os discursos, normas e regras forjadas. A autora reafirma que as normas de gênero influenciam as vidas no espaço público. Tratando, ainda, da performatividade de gênero finaliza: “Resta-nos persegui-lo em seus diferentes contextos, não para delimitá-lo em novos conceitos oclusivos, mas para compreender o significado das ações de quem o vivencia.” (GOUVÊA NETO, 2016, p. 104).

O contexto de socialização feminino favorece a naturalização de suas competências como condições inatas e não a partir de construções culturais. O questionamento, que pode vir a surgir entre as mulheres, ocorre após a crítica, realizada em suas subjetividades, apreendendo suas consciências como colonizadas pelas dominações (MORENO, 2014).

Birman (1996) apresenta que o papel da mulher nas instituições religiosas é constituído através da divisão do trabalho, estruturando uma harmonia entre o papel da mulher na esfera privada e na religião. Para o entendimento do lugar social em que as mulheres estão alocadas é necessário a análise da construção do feminino, bem como as concepções religiosas nas quais se encontram, “Nos sistemas religiosos, dificilmente é possível considerar que o lugar do feminino seja exatamente o mesmo.” (BIRMAN, 1996, p. 210).

Tratar da complexidade das relações identitárias com a religião exige que perpassemos a construção de sentidos que estas produzem nos seus seguidores. Compreender o gênero nesta dinâmica é fundamental para que se clarifique como as mulheres são inseridas nestes contextos. Mafra (2012), ao tratar sobre gênero, endossa que toda identidade é envolvida por oscilação e movimento. Pontua, ainda, que nas diversas versões das religiões o que se trabalha são as formas de controle, o que dita e distingue o processo na construção destes gêneros.

Machado (1999) aponta, em sua pesquisa, a abordagem superficial sobre a inserção de mulheres no mercado de trabalho nos canais de comunicação de instituições evangélicas, que partem do debate que se fundamenta na manutenção da família e do lar. Nesta compreensão, vale ressaltar que foi a partir do lugar designado para as mulheres pelas igrejas que os movimentos passaram a questionar e criticar tais posições.

Tratando da abordagem das instituições religiosas com os padrões que forjam os gêneros, Teixeira (2014) destacou as práticas de uma denominação evangélica que apresentava desafios para mulheres, de modo que estas regatassem “a essência feminina colocada por Deus em cada mulher” (TEIXEIRA, 2014, p. 237). No caso analisado, as mulheres eram incitadas a cumprirem desafios na

execução de tarefas domésticas e nas relações familiares. Ainda sobre a padronização dos corpos, o que se tem é que esta passa a ser o espaço de performance para o sagrado, podendo-se interpretar como o fim e o meio dos ensinamentos.

A mulher como auxiliadora, fora da capacidade de exercer alguma autoridade além do território doméstico, tem essa função reforçada pelas passagens bíblicas, que mantém a estrutura de submissão feminina. Esta ordem enraizou modelos e comportamentos nas mulheres. Bandini (2015) reitera a posição de aceitação e naturalização das mulheres em relação aos discursos de dominação estabelecidos, fortalecendo o poder dominante, contudo, a autora aponta a maneira diferenciada, dentro das igrejas evangélicas, de como as relações de poder se estruturam. A autora ressalta que, para se compreender a participação feminina nos espaços religiosos, é necessário um olhar atento aos espaços disponibilizados para elas. É a diferenciação dos espaços que constroem a participação dessas mulheres na religião e na sociedade.

Considerando o enfoque desta pesquisa, corroborando com Algranti (2007), que compreende o crescimento do pentecostalismo no mundo todo, é fundamental apreender a importância dos discursos religiosos que usem de exemplos bíblicos para perpetuar para as mulheres os papéis secundários, cabendo a submissão e a colaboração com a figura masculina, dinâmica que se assemelha entre o âmbito da igreja e do lar.

Neste sentido, compreendendo a influência dos espaços religiosos como formadores de identidades, podemos analisar, também, a forma como os cotidianos de fiéis são moldados a partir das instituições as quais se vinculam. Bandini (2005) apresentou os padrões de regulação utilizados pela igreja e pelo Estado de modo a estabelecer os estigmas e os princípios. A padronização do comportamento das famílias assegura o mecanismo de controle. Nesta dinâmica o gênero apresenta-se como peça determinante nas formas de domínio das relações.

Ainda sobre a influência das denominações religiosas, aliadas a outras instituições da sociedade, Buttelli (2008), associou a função dos ritos religiosos na constituição do homem e da mulher. Os poderes simbólicos como o conhecimento científico, os discursos oficiais, mitos e lendas, contribuem na perpetuação da ordem simbólica, onde o autor ressalta o caráter negativo, tanto para as mulheres quanto para os homens que não correspondem ao padrão estabelecido pela sociedade patriarcal.

As maneiras de dominação através das ideologias e modos de vida são temas abordados entre diversos autores que tratam a temática de gênero (BUTTELLI, 2008; LOPES, 2013). A violência para com quem não se insere nos padrões estabelecidos também é colocada no ensejo das relações de poder. Neste sentido, apreendendo os papéis culturalmente definidos nas relações sociais, as escrituras e os mitos, presentes na bíblia, legitimam tais posições, tecendo um imaginário masculino superior.

Lopes (2013) destaca que a estruturação da dominação está intimamente ligada com o discurso de um Deus imaginado, que foge das experiências cotidianas e que exclui os leigos e principalmente as mulheres de suas estruturas, por não se assemelharem, as colocando no lugar mais baixo da pirâmide de dominação. Ainda neste sentido, a autora reitera: “Mitos e tabus servem para justificar a dominação e esconder o medo.” (LOPES, 2013, p. 63).

Os discursos convergentes das instituições da sociedade com as denominações religiosas promovem a continuação de relações de gênero de acordo com seus interesses, impondo as mulheres um pacto moral, onde se busca fortalecer a instituição da família, confirmando sua essência de submissão e obediência (FONSECA, 2013).

A subordinação feminina no âmbito religioso não se limita na impossibilidade destas mulheres assumirem funções de liderança, podendo ser constatada no conjunto do espaço sagrado, nos diversos componentes, sejam as representações, práticas ou discursos estabelecidos. Nunes (2009) ressalta a importância da compreensão deste conjunto de elementos na organização do poder religioso, que se inserem fundamentalmente e moldam as relações sociais de sexo.

3 METODOLOGIA

Este artigo possui forte caráter qualitativo. Neste sentido, utiliza-se dos significados, ações, valores e crenças para compreender como um todo as relações e processos (MINAYO, 2002). Os dados foram extraídos de entrevistas semiestruturadas, realizadas por eixos, que possibilitaram aos pesquisadores percorrerem os assuntos de interesse a partir de um diálogo fluido.

Para fins deste artigo, em especial, foram entrevistadas quinze mulheres. A seleção foi realizada considerando suas trajetórias religiosas, dividindo o universo pesquisado em dois grupos. O primeiro grupo foi composto por mulheres que estão ativamente inseridas no contexto religioso evangélico de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais e que apresentavam vínculo com uma universidade pública de ensino superior. O outro grupo foi formado por mulheres que embora apresentassem vivências em instituições evangélicas, tinham rompido seus vínculos no decorrer de suas trajetórias e que também apresentavam vínculo com a universidade.

Quadro 01 – Perfil das entrevistadas

	Perfil
Entrevistada 1	24 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevistada 2	21 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevistada 3	22 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevistada 4	23 anos, orientação sexual indefinida, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevistada 5	22 anos, bissexual, união estável, 1 filho, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevistada 6	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 7	25 anos, bissexual, solteira, sem filhos, psicóloga, ensino superior completo. Dissidente.
Entrevista 8	24 anos, heterossexual, casada, sem filhos, psicóloga, ensino superior completo. Dissidente.
Entrevista 9	22 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 10	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 11	20 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevista 12	23 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevistada 13	31 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, designer, pós graduação incompleta. Dissidente.
Entrevistada 14	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevistada 15	21 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O método de seleção foi o da Bola de Neve, que utiliza cadeias de referência. Vinuto (2014)

apresenta que esta forma de amostra é útil para pesquisa em grupos de difícil acesso, uma vez que utiliza de um intermediador para o contato entre pesquisador e pesquisado.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora. A seleção dos atores ocorreu entre os meses de julho e agosto de 2018, as entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro e, por fim, as transcrições foram finalizadas em novembro de 2018.

Para a análise das entrevistas utilizou-se a técnica de análise de conteúdo (AC) (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Esta técnica de análise fornece maiores possibilidades de interpretação aos pesquisadores, compreendendo a expressão dos pesquisados e a categorização das suas expressões.

4 TRAJETÓRIAS NO SAGRADO

Em meio a diversidade de trajetórias, relatadas por todas as mulheres entrevistadas, é notória a influência da família para a inserção, ainda infantil, no meio religioso. Compreende-se a família como a estrutura principal para a construção do que se definirá na vida adulta. É possível, então, inferir a capacidade de influência na busca pela inclusão em instituições religiosas ao longo da vida. Podemos ponderar, ainda, que mesmo famílias com igrejas distintas e diferentes vertentes religiosas, contribuíram, nos casos das pesquisadas, para que estas se mantivessem ligadas a alguma instituição. A inserção no meio evangélico, por vezes, deu-se como único caminho possível para estas mulheres. Quando questionadas sobre suas trajetórias, muitas delas pontuaram que nasceram no contexto religioso e por lá mantiveram-se, por afinidade ou não.

(001) Eu comecei com a minha mãe, mesmo, e eu sempre fui então não teve a coisa de me tornar fiel, sempre fui e fui acostumada com isso, eu não tinha muita opção de não ser assim. (Entrevistada 02)

(002) Uai, eu nasci nela né, como que faz? Eles sempre leram a bíblia comigo, quando eu era criança eu tinha que ir pra igreja, tipo assim, minha vida toda era na igreja, a escola que eu ia era da igreja, os amigos que eles traziam pra casa era da igreja, sabe assim, então não tinha... É não tinha nenhuma possibilidade de escolha assim. (Entrevistada 07)

(003) Eu comecei com 3 anos, que eu me lembro assim, que a minha mãe conta, porque ela me levou né, é aquela questão quando você é pequena, o pai fala e a gente tem que ir. (Entrevistada 12)

Podemos apontar, aqui, o conceito de habitus da obra de Bourdieu (2019), que buscou romper a dicotomia entre sociedade e indivíduo e estabelecer a forma com que a determinação social ocorre nas ações dos indivíduos (WACQUANT, 2006). O fragmento (001) expressa, claramente, a construção social existente para que esta mulher se insira no contexto religioso. Acostumada, de acordo com suas palavras, ela reflete o que lhe foi passado, ou seja, práticas e costumes com os quais teve contato expressam-se nos seus hábitos. Os trechos (002) e (003) apresentam-se com teor impositivo, exprimindo a ausência de possibilidade de escolha por parte das mulheres. Podem revelar, mesmo que de maneira implícita, o sentimento de impotência perante a imposição da família, onde as mesmas compreendem o dever de acatar a prática religiosa como herança familiar. A influência e o incentivo das famílias para a permanência no meio religioso também foram relatados pelas entrevistadas, conforme pode ser visto no fragmento (004).

(004) A família influenciou bastante, assim, a seguir, achava bonito e etc. (Entrevistada 08)

A consciência, por parte das entrevistadas, sobre a influência do meio familiar nas escolhas religiosas é ponto de destaque. Enquanto é claro para algumas mulheres que o contexto do cristianismo em que estiveram inseridas influenciou para que se mantivessem vinculadas a instituições religiosas, outras consideram que, embora existisse a interferência familiar, a influência não seria a força motriz para que permanecessem inseridas em suas igrejas.

(005) Foi o contexto que eu me inseri, né? Que eu estou inserida, que eu sempre estive, desde que nasci. Toda a família, não só pai e mãe, mas toda, toda minha família é cristã, então, assim, teve isso porque eu estava na igreja, né? Então eu convivi e cresci ali. (Entrevistada 10)

Entendendo toda a influência cumprida no âmbito familiar, conscientemente ou não pelas entrevistadas, adentramos nos moldes passados pelas instituições para com as famílias das fiéis. Indagamos, aqui, sobre as referências e as maneiras com que as organizações instruem seus seguidores para, então, compreendermos a alocação destas fiéis nessa lógica. As explicações para os moldes orientados pelas instituições eram dadas de maneira direta, muitas vezes tratado como padrão posto, sem necessidade de questionamento. A família tradicional proposta no contexto religioso orienta-se no patriarcado, onde a figura masculina rege o movimento do restante da família e a mulher enquadra-se como auxiliadora, cumprindo funções secundárias e subordinadas ao homem em seu papel de cabeça da casa, conforme pode ser visto nos fragmentos (006) e (007).

(006) Obviamente, tem até uma musiquinha que falava... “O pai é o forte polegar, a mãe é a rainha do lar, o pai, a mãe, a irmã, o irmão...” E por ai vai, família tradicional brasileira. (Entrevistada 05)

(007) Uai vamos falar o que todos sabem, é família hétero normativa, o homem e a mulher e filhos e todos crentes se possível, o real ideal é todos crentes, e se não for tem que batalhar para que seja e é essa família, assim, monogâmica. (Entrevistada 07)

(008) Pai, mãe, filhos, é a ideologia de família normal, né? (Entrevistada 09)

Existem, ainda, outros aspectos para a conformação das famílias, passados pelas instituições, conforme mostra o excerto (007), que apresenta a necessidade de luta para vincular-se a tradição religiosa à família. As palavras usadas pela entrevistada apontam a maneira de conversão como objetivo, demonstrando a busca dessa realização como uma intensa tarefa. No que diz respeito as novas composições de famílias e como as instituições lidam com essas formas de organização contemporâneas, a adoção foi pontuada por uma das entrevistadas que explicou que, em sua antiga organização, era método aceito. Ainda em relação a este ponto, o casamento também foi relatado, por diversas mulheres, entendendo que, para a aceitação da igreja, o casal, sempre composto por um homem e uma mulher, deve formalizar sua união perante a igreja e o estado (seguindo padrões pré-estabelecidos pelas instituições). O anseio para a formação de uma família foi, também, narrado pelas entrevistadas. A orientação passada pelas instituições de que deveriam almejar o casamento e toda a preparação nesse sentido foi marca comum dentre as entrevistas.

(009) A igreja prega uma família heterossexual né, e que assim, é uma das coisas que eu sinto um pouco que eu destoo nessa crença, de que a família é o principal

objetivo da igreja, o que eu não acho que é isso, até porque a minha interpretação que eu tenho da bíblia é que Jesus ele deixa família no estado do secundário da coisa, porque até tem uma passagem que ele fala né: quem são minha mãe e meus irmãos, quando a mãe dele é Maria chega procurando ele, ele fala que os irmãos e a família dele é quem fazia a vontade de Deus, então a família dele é o mundo, são as pessoas, são com que eles cria laços e tal. Eu não tenho essa concepção interna, mas dentro da igreja prega-se sim uma família que você deve almejar o casamento e tal, o que eu acho muito contraditório com a bíblia, porque a maioria dos apóstolos eles não foram casados né, eles exerceram o ministério deles solteiros e tal mas existe sim essa pregação de uma família heterossexual, é, com filhos e tal e que deve ser uma coisa que você deve desejar. (Entrevistada 03)

(010) É aqueles de sempre, a estrutura familiar e tal, ai tem o marido, marido tem que ser o protetor da casa, a mulher tem que seguir o que ele disser, a mulher... É ensina porque temos que aprender as coisas para casar, essas coisas mesmo. (Entrevistada 12)

No fragmento (009), a entrevistada pontua as tradições passadas pelo cristianismo. A mesma ressalta, entretanto, seu posicionamento perante tal cultura. Salienta a contradição bíblica entre o que fora pregado por Jesus e o que é instituído para os fiéis cristãos. Deixando claro suas discordâncias, enfatiza, pela repetição, os moldes estabelecidos. O excerto (010) reforça o entendimento da divisão dos papéis através do gênero nas famílias. Pode-se observar, a partir daí, que são passados valores que perpetuam-se na sociedade e atribuem a homens e mulheres a carga de executarem determinadas e específicas tarefas.

Neste sentido, podemos apontar o que foi proposto por Boris (2002), que analisou o processo de tornar-se mulher. No caso observado, o mesmo destaca que o processo de tornar-se cabe também ao homem, quando este tem construído o padrão de masculinidade imposto socialmente.

Ainda analisando o fragmento (010), encontramos semelhanças entre a fala da entrevistada e o que foi pontuado por Freitas (2009), que corrobora com o entendimento do homem prioritariamente como provedor da família, apresentando, em seu estudo, que os modelos tradicionais permanecem e ainda orientam mulheres e homens.

Dentre as mulheres entrevistadas que são, atualmente, atuantes no meio evangélico, a maioria delas teve uma trajetória religiosa perpassando por diferentes denominações. Os processos para entrada nas suas instituições atuais podem ser considerados semelhantes, uma vez que na intenção de melhor se alocarem em um meio social religioso, condizente com suas concepções, optaram por instituições que fornecessem base sólida nos preceitos bíblicos, aceitando por vezes o tradicionalismo que acompanha esse embasamento. Fato que corrobora o que foi proposto por Mendonça (2008), que apontou a busca em somar a razão a sensação de pertencimento.

(011) Então, assim, eu acho que tá até havendo um racha na igreja, e na própria igreja evangélica, porque a Presbiteriana, a Sal da Terra, a própria Assembleia de Deus, tem uma visão muito diferente, e, e muito mais focada na bíblia, no que a bíblia diz, eu percebo até que nessas outras igrejas que eu disse, como por exemplo a universal, eles tem uma, eles fogem muito daquilo que tá escrito na bíblia, e não é fazendo uma crítica porque nem toda religião tem que seguir a bíblia, mas o pressuposto da religião evangélica é seguir a bíblia e eles não fazem isso, então eu acho que é muito, muito distinto mesmo sabe, eles tem até práticas que são comuns em centro espíritas, nada contra centro espírita mas não é evangélico, entendeu, então assim, eu acho bastante diferente,

acho que são de religiões quase que distintas mesmo. (Entrevistada 03)

(012) Eu acho que muitas coisas que eles pregam, os meios que eles pregam, não são bíblicos, na verdade é simplesmente para próprio interesse, seja financeiro, seja social. (Entrevistada 15)

A busca por denominações que compreendam a diversidade nas particularidades destas mulheres reitera o que foi colocado por Souza (2006) que apontou o trânsito religioso feminino como resultado da demanda de mulheres por novos desenhos da religião e da experiência religiosa. Em meio a pluralidade de origens de instituições das pesquisadas, buscamos encontrar valores que estas considerassem fundantes e comuns, encontrados no meio evangélico em diferentes denominações. O amor ao próximo e o amor à Deus são pontuados como valores principais e comuns, mesmo que, por vezes, sejam acompanhados de críticas entre o que ocorre na teoria e na prática dentro das igrejas, como pode ser observado no fragmento (013). As mulheres destacaram o distanciamento que é pregado pelas instituições para com o mundo. É reforçado, a todo tempo, que o meio de convivência deve ser baseado na igreja e pontuadas diretrizes e regras específicas para serem seguidas.

(013) Na prática você não pode se envolver com ninguém que não seja da igreja, “Porque você esta se envolvendo?”, os seus amigos tem que estar dentro da igreja, o seu ciclo de amigos tem que condizer com aquilo que você vive, não faz sentido você andar com alguém que seja homossexual ou alguém que beba, alguém que fume, alguém que não siga os princípios da bíblia, então... (Entrevistada 05)

Quando questionadas sobre a participação de mulheres nas instituições progressistas, encontramos uma variedade de entendimentos sobre a inserção feminina em atividades de liderança. Compreendendo a bíblia como o livro de base do cristianismo, muitas das mulheres assentem os cargos estabelecidos como uma ativa participação, ou mesmo suficiente. Atividades organizativas e secundárias foram citadas quase em totalidade pelas entrevistadas, além das funções que envolvem cuidado. É pontuado, ainda, o trabalho em ministérios infantis, eventos voltados para outras mulheres, trabalhos com jovens e a participação em grupos de dança, teatro e louvor. A falta de espaço em cargos representativos para outras mulheres é sentida, como podemos ver nos trechos (014) e (015).

(014) Eu nunca vi uma mulher pastora, nunca vi uma mulher evangelista, mulheres ficavam mais na área de crianças, nunca tinha um professor homem da AEBD de idade de doze anos para baixo, não tinha, os professores homens ficavam somente com os adultos. Então mulher seria basicamente para cuidar de criança, eu nunca pude ser ministra do louvor, no louvor que a gente tinha, tinham vários cargos, eu sempre ficava na vice, vice diretoria, vice isso, vice aquilo. No ministério do teatro eu era vice aquilo, no ministério de dança eu era vice aquilo, eu participava de vários ministérios mas sempre como vice porque o cargo de liderança tem que ser de um homem porque o homem é a cabeça. (Entrevistada 05)

(015) Atualmente tem melhorado, mas eu acredito que ainda não é uma coisa efetiva, sabe? Acho que falta muita compreensão da instituição, da importância da mulher como um cargo de liderança. (Entrevistada 06)

Uma das entrevistadas, que enuncia no excerto (014), expressa seu incômodo em relação a ausência de mulheres à frente da instituição. Em sua fala, repete que, em todas as atividades que desempenhou, sua atribuição era a de vice, atrelando as funções superiores a uma figura masculina. Pode-se extrair, ainda, deste trecho, um ponto comum, citado por diversas pesquisadas. As instituições reforçam o que é pontuado na bíblia onde o homem é colocado como a cabeça da família, cabendo a ele a tomada de decisão tanto nos lares quanto nos espaços dos templos.

Podemos notar, ainda, nas mais variadas respostas, a ausência de mulheres nos altos cargos das instituições e a vinculação de papéis ligados a funções masculinas. Os requisitos para exercer os cargos apresentam, também, critérios que só se completam com uma figura masculina, que muitas vezes é a de um marido, que tem funções de liderança nas igrejas, com isso suas esposas desempenham funções que não podem ser realizadas por mulheres solteiras. Tal fato parece corroborar o que fora colocado por Algranti (2007) ao analisar, por meio de passagens bíblicas, as relações que oferecem às mulheres papéis secundários e de auxílio aos seus maridos.

(016) Não tem uma pastora, falo assim, à frente. Na presbiteriana não tem uma pastora, líder, mas eles têm a SAF, Sociedade Auxiliadora Feminina. Então as mulheres sempre estão à frente, a mulher do pastor é uma pastorazinha, todo mundo fala. (Entrevistada 10)

O trecho (016) ratifica a ideia da perda da identidade feminina em relação a submissão à uma imagem masculina, submetendo-as à funções limitadas e tirando seu protagonismo nas atividades. Destacamos, aqui, a maneira com que as entrevistadas referiram-se as esposas dos pastores, as quais exerciam ou exercem algum tipo de liderança nas instituições. A identidade dessas mulheres é invisibilizada e estas são alocadas como partes do todo que é o pastor. Tal realidade pode ser comprovada pelo uso no diminutivo na referência à esposa do pastor, no fragmento (016), demonstrando, mesmo que linguisticamente, menor relevância em relação ao papel do homem na instituição.

(017) Tinha sempre o pastor e a mulher do pastor, ou seja, ninguém sabia o nome dela, era sempre o nome dele e era só a mulher do pastor que ficava assim como se fosse um anexo, sabe. Segurando microfone ou emendando a música quando ele não queria mais emendar ou os cargos de tipo ficar na porta recebendo, repondo copo, cuidando das crianças, sabe. (Entrevistada 04)

(018) É muito difícil, assim, eu já fui de igrejas que tem pastor mas não tem pastora, é a mulher do pastor. Já fui de igrejas que tem o apóstolo mas não tem a apóstola, é a mulher do apóstolo. Então normalmente eram cargos assim, ou era da interseção, que é o pessoal da oração, e raramente no ministério de louvor, mas é bem difícil. (Entrevistada 11)

O discurso apresentado pelo trecho (017) disserta sobre as atribuições que são concebidas como femininas e a imagem da mulher do pastor, novamente, como parte do absoluto. Não é raro de encontrar na bibliografia (SOUZA, 2015; ALENCAR E FAJARDO, 2016), as diversas vezes que mulheres tiveram sua participação invisibilizada na construção da história das instituições evangélicas. O que pode, aqui, ser colocado em comparação com o desenvolvimento das organizações das entrevistadas, onde, embora as mulheres desenvolvam funções ligadas diretamente ao funcionamento das igrejas, não tem sua participação ligada a nenhum mérito.

(019) Eu sou líder em treinamento de criança né, que lá tem um ministério infantil, sou líder de jovens em uma célula de jovens e é isso. (Entrevistada 01)

(020) Eu cantava, eu dançava, eu fazia teatro, eu dava aula para as crianças de nove a doze anos, eu fazia tudo que precisava, até limpar a igreja de vez em quando eu ia lá e limpava quando a zeladora não podia ir, então o que precisava eu estava lá para fazer. (Entrevistada 05)

(021) Eu ainda participo do ministério infantil lá, eu trabalho na parte do ministério infantil. E durante uns 6, 7 meses eu fiz parte do grupo de jovens também, com os adolescentes, tinham uns 7 ou 8 adolescentes. (Entrevistada 14)

No universo pesquisado, de quinze entrevistadas, sete são mulheres atuantes em instituições evangélicas, apenas duas destas desempenham cargos de liderança frente a suas igrejas. As demais, alocam-se no quadro de funções secundárias e organizativas.

Muitas são as maneiras que as fiéis descrevem a figura do líder religioso no seio das instituições. As lideranças religiosas, em sua maioria na imagem do pastor, perpassam diferentes tipos de autoridade, entretanto, sempre caracterizando uma autoridade maior dentro das denominações. De características mais flexíveis e relacionamentos mais íntimos entre pastor e fiel à atributos mais impositivos e inquestionáveis, as respostas sobre a autoridade religiosa pairaram, em sua totalidade, sobre a figura masculina, embora exista líderes mulheres dentre as pesquisadas.

(022) Eu acho que é uma autoridade tranquila, porque ele é uma pessoa bastante engraçada, então ele tenta ter um relacionamento íntimo, entendeu? De companheirismo, de amizade, de conhecer mesmo, de sentar, conversar, entender a história e eu poderia descrever isso, não é uma autoridade de pegar a vara e querer bater, entendeu? Mas é uma autoridade que também é muito séria que é contada na bíblia que é pautada na palavra que realmente tem um compromisso, mas uma autoridade que eu não vejo como uma má, entendeu? (Entrevistada 15)

Corroborando com o que pontuamos, a imagem feminina nas instituições está vinculada a papéis masculinos. Isso fica nítido quando nenhuma das entrevistadas descreve a liderança religiosa pelas pastoras e outras atribuições destinadas as mulheres.

No excerto (022), para ilustrar, temos a resposta de uma das mulheres fiéis que está hoje vinculada a uma instituição neopentecostal e que se coloca de maneira mais aberta na aceitação feminina em cargos de liderança. Questionamos, também, sobre os processos que levaram estas mulheres a exercerem tais atividades. Enquanto algumas igrejas apresentam claros processos de treinamento e oferecem cursos para o desenvolvimento de suas funções internas, outras encaminham para as atividades os fiéis que já encontram-se envolvidos nas tarefas e já estão presentes na instituição a algum tempo. As mulheres justificaram a ausência de processos com a questão da disposição de tempo despendido para as atividades religiosas.

Nas denominações que existem claros processos de formação para o desempenho de atividades, em sua totalidade, fornecem cursos e seminários para capacitar os fiéis. A formação acontece gradualmente e é voltada especificamente para a área de atuação de interesse do fiel, ressaltando, aqui, que existem critérios para se assumir posições de liderança, logo, formações para pastores são diferenciadas e acompanhadas de outros fatores.

Existem, também, cursos que são ofertados pelas instituições que englobam temas cotidianos de modo a prepará-los para se manterem em fé nos percalços da vida, como exemplificado no fragmento (023).

(023) Então, depende do que a pessoa vai fazer né, para pastor tem, tem um seminário de pastores, tem até as cidades centrais assim, São Paulo tem um centro de formação e tal tem também a escola bíblica que é para, qualquer pessoa pode fazer para exercer qualquer cargo de liderança, né, é para estudar mesmo mais teologia, as questões dos fundamentos da fé que a gente chama de Bel, é a escola bíblica. E assim às vezes para algumas coisas mais específicas tem algum curso assim para trabalhar com criança mesmo, de, voltado a, como lidar com criança, esse tipo de coisa as vezes mais específico, mas são cursos menores, entendeu? Esses cursos principais é seminário e, e, e essa escola bíblica. (Entrevistada 03)

A rigidez estabelecida pelas instituições foi pautada quando buscamos entender as dissidências, tanto das mulheres que não são mais atuantes no meio evangélico, quanto das que ainda se inserem em alguma instituição. O medo estabelecido pela crença no céu e no inferno é o princípio básico para compreender a inquietude dessas mulheres sobre as práticas das igrejas. O legalismo também foi marcado nas entrevistas, além da busca por aceitação e isenção de julgamentos, fato comum entre as mulheres que continuam a frequentar as instituições. Consideram que não deva existir um mérito específico para aqueles que buscam e acreditam na salvação divina, reforçam a importância do acolhimento e apoiam-se na preleção do amor ao próximo.

(024) na minha época, que eu ia, era muito legalista. Eles pregavam muito lei. Que que pode, que que não pode, que que é certo, que que é errado. (...) eles pregam a graça. Que o que não importa não é a suas ações, assim importa também né, mas eles não te julgam pelas coisas que você faz. (Entrevistada 01)

Embora grande parte dessas mulheres não tenha, de fato, se sentido parte de suas instituições ao longo da vida, o processo de saída do contexto religioso ocorreu, concomitantemente, com o processo de amadurecimento intelectual e a busca pela compreensão de novas perspectivas que não haviam sido estimuladas dentro das igrejas.

(025) Porque eu nunca, nunca me senti a vontade lá, nunca, como que eu posso dizer, eu nunca concordei com nada, só que eu também nunca pude sair, aí quando eu pude sair eu saí. (Entrevistada 02)

A violência e a opressão dentro das organizações foram, também, referenciadas pelas entrevistadas. A questão da submissão feminina nos espaços religiosos, a pregação do medo e o dualismo imposto dentro do meio evangélico resultou, do mesmo modo, em rompimentos com essas instituições.

De todas as formas, a saída do meio social religioso para outros contextos sociais, principalmente o acadêmico, deu o suporte para que estas mulheres se compreendessem como mulheres e buscassem perspectivas de libertação, a despeito de que muitas delas recorreram ao estudo bíblico e religioso a resposta para seus questionamentos.

(026) Ai, uma coisa que eu sempre achava ruim era o valor de submissão da mulher, mesmo que sempre quando tinha aquela palavra assim, que tem uma palavra na bíblia que fala “o homem é a cabeça e a mulher é a cauda”, alguma

coisa assim, ou que “a mulher edifica o lar e o homem meio que comanda”, sabe, sendo que não é assim. Na verdade, na realidade a mulher é comanda mais que tudo e não tinha que ser assim. (Entrevistada 04)

(027) Entrei na faculdade e na aula de sociologia da educação eu conheci o feminismo, que até então era demonizado, eu nunca quis saber porque eu sempre aprendi que não, que não. Era um movimento totalmente anticristão então não precisava saber nem me envolver com aquilo, até que eu pesquisei sobre e a professora foi contando a trajetória dela, que ela descobriu o feminismo porque ela apanhava do marido em casa, e ela largou do marido, fez uma graduação e nossa, ele é melhor as vezes do que a própria religião, eu fiquei pensando comigo... Porque a religião te prende, o feminismo libertou ela, ai eu fui conhecendo, fui estudando, fui estudando a bíblia, fui estudando a história da religião mesmo, e eu falei “Não, não é para mim”, eu me descobri bissexual e falei “Não, não é para mim mesmo”, se eu voltar para a igreja e alguém sonhar na vida que eu sou bissexual eu estou f*****, então abandonei. (Entrevistada 05)

No fragmento (027), o que é colocado em evidência é a relação da instituição frequentada e o feminismo. A entrevistada enfatiza a maneira com que o movimento era colocado pela instituição como anticristão e que pregava práticas contrárias a igreja. Entretanto, em sua própria trajetória, a mulher teve contato com outra face do movimento, na prática, onde pôde compreender que o que lhe era instruído, por vezes, limitava sua visão para que esta se enquadrasse nos padrões estabelecidos pela denominação.

Cabe-nos, aqui, penetrar no questionamento dos motivos que levam a instituição em questão a se posicionar desta maneira em relação ao movimento feminista. Apesar de compreender a bíblia como livro base das instituições evangélicas, pode-se inferir que tal conduta consinta em manter situações de violência e opressão ocorridas em seu cerne.

Em nenhuma das entrevistas, o processo de rompimento com as instituições foi considerado um processo fácil. O hábito e a inserção no meio religioso geraram conflitos internos, a dissidência como produto final dessa relação foi caracterizada em meio a rupturas familiares e de práticas que foram cultivadas ao longo da vida.

Ainda nesse sentido, quando questionadas as entrevistadas atuantes sobre a sua frequência nos cultos, obtivemos respostas assíduas, onde é parte de suas rotinas despender um tempo semanal para as atividades religiosas. Algumas, ainda, indicaram participar de mais de um culto por semana, além de estarem presentes também em reuniões e grupos. Mencionaram, ainda, estarem envolvidas em outras atividades, como reuniões de jovens, escola dominical, grupos de oração e atividades propostas para além do âmbito da igreja, entre os fiéis, como a prática de atividades físicas.

Entendendo a pluralidade de vertentes das instituições, questionamos as mulheres sobre as ações que são desenvolvidas pelas igrejas e voltadas para a comunidade. Mariano (1999) apontou, em sua obra, no caso dos neopentecostais, que apoiando-se na teologia da prosperidade, não voltam suas ações para o assistencialismo, diferindo das atividades tradicionais desempenhadas por instituições religiosas. Por sua vez, as fiéis citaram atividades como evangelização voluntária em abrigos, creches, trabalho com refugiados através de ONG's, arrecadação de alimentos e roupas e acolhimento para pessoas em situação de dependência química.

Ação que é descrita de maneira comum entre as mulheres atuantes no meio evangélico é, entretanto, a doação, seja ela de alimentos ou roupas e agasalhos. Tais ações voltadas, normalmente, à pessoas em situação de vulnerabilidade.

(028) Na minha igreja também tem ação social uma vez por mês, onde tem corte de cabelo, um evento com as crianças, e tem as cestas básicas que são mensalmente também, que a gente compra. (Entrevistada 09)

Perguntadas sobre a especificidade de públicos das instituições que frequentam, uma minoria de fiéis pontuou que o público específico de suas instituições é o público jovem e que, para isso, as organizações desenvolvem atividades e se movimentam nas redes e em atividades sociais para manter essa busca. As demais entrevistadas, em sua maioria, afirmaram não existir público alvo, declarando que a evangelização é para todos e que dentro de seus contextos cada um busca por seus semelhantes.

(029) Não, uma faixa etária, talvez? Não. É a todos. Então cada um busca, por exemplo, nós jovens nos responsabilizamos pelos jovens da cidade, cada um tem um foco. Tem a união de mulheres, tem os mais velhos. (Entrevistada 10)

Das mudanças ocorridas no meio evangélico nas últimas décadas, a movimentação que contribuiu para o aumento do número de fiéis é a aceitação das novas instituições sobre os valores mundanos. Encontrar organizações que declaradamente buscam públicos específicos para sua clientela ratifica o que fora colocado por Jungblut (2007), que analisa as formas de relação entre religiosos e a cultura social que a eles perquire, justificando sua expansão numérica e apontando a quebra de seu tradicionalismo e sectarismo.

No que diz respeito ao histórico das instituições, questionamos se as mulheres inseridas nessas igrejas têm conhecimento de sua fundação e de suas figuras principais. O que obtivemos foi uma noção, muitas vezes, superficial de como estas organizações tornaram-se o que são hoje. Foram citadas algumas figuras dentro dos históricos. Entretanto, as pesquisadas responderam, timidamente, sobre a estruturação de suas igrejas.

As rupturas, entretanto, ocorridas para o surgimento destas instituições, foram pontuadas, compreendendo, então, as pesquisadas sobre as discordâncias litúrgicas que ocorreram no desenvolvimento das denominações. Embora exista a noção por parte das mulheres das divergências ocorridas para a criação de novas instituições, é nítido o desconhecimento aprofundado sobre as causas dessas rupturas e os caminhos tomados entre as instituições que surgiram de um mesmo tronco originário.

(030) Então, a presbiteriana ela foi fundada com um pastor americano que chegou no Brasil, mas eu não sei muitos detalhes não, eu sei que eles chegaram, a igreja presbiteriana tinha uma cultura mais rural né, ela era mais, depois começou a vir para cidade, mas, detalhes da fundação não sei te dizer não. (Entrevistada 03)

(031) Olha, mais ou menos, foi uma história que aconteceu lá em Belém, um cara lá, eu lembrava dessa história de cor, mas hoje em dia eu não faço ideia, muito tempo um cara veio para cá de outro lugar e fundou lá em Belém e acabou que teve uma separação, hoje em dia tem a Missão aos Povos e uma outra a Madureira, então teve essa separação, mais ou menos isso. (Entrevistada 06)

O que nos chama atenção nos fragmentos (030) e (031), além das demais descrições das entrevistadas sobre a história de suas instituições, são as referências aos personagens masculinos, não existindo, em seus discursos, a contribuição de mulheres para o desenvolvimento das denominações. Podemos, então, novamente, articular aqui o que fora proposto por Candiottto (2010) e Souza (2015), que apontaram, em seus estudos, que a retirada das mulheres da história da construção das organizações serve de manutenção para a estrutura patriarcal posta.

Buscando encontrar pontos comuns entre as pregações das instituições evangélicas das pesquisadas, traçamos questões sobre o que são considerados como aspectos doutrinários principais para estas mulheres. As explicações sobre estes aspectos fluíram em várias direções.

(032) A bíblia como principal texto a ser seguido, nada além da bíblia, a salvação apenas mediante cristo, toda glória para Deus né, não, não para, você não deve buscar o seu próprio, a sua própria ascensão mas sim a de Deus e, e, e o amor ao próximo, que a salvação é apenas mediante a fé, não, não existe como eu fazer alguma coisa que me dê a salvação mas apenas eu acreditar naquilo, e é basicamente isso, são esses principais pontos, que, que eu acho que são. (Entrevistada 03)

(035) Eu acho que é esse negócio da bebida alcoólica, né? Eles são totalmente contra, o sexo antes do casamento também e algumas vestimentas. (Entrevistada 09)

(036) Velho, eu acho que... Não tem assim sabe? Não tem uma doutrina, uma regra, não que eu tenha identificado pelo menos, sabe? (Entrevistada 14)

Enquanto algumas mulheres recordaram-se e pontuaram proibições e limitações impostas por suas igrejas, outras se basearam bíblicamente e caracterizaram suas doutrinas e outras enfatizaram a ausência de doutrinas. A diversidade nas descrições reflete a tradição adotada por suas instituições ou os novos moldes utilizados pelas igrejas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve, como objetivo, analisar a inserção, do grupo de mulheres pesquisado, em organizações religiosas. Assim como, compreender suas diferentes trajetórias e a influência destes espaços sagrados na formação do feminino, considerando o gênero como fundamental na constituição desta dinâmica.

Os estudos existentes, que tratam da interseção relações de gênero, mulheres e religião, ainda apontam situações comuns, reafirmando o caráter de controle das instituições. Desta forma, o que se explicitou nesta pesquisa, a partir das diferentes trajetórias das mulheres nas religiões, foram as diversas maneiras em que as denominações padronizam as identidades de seus seguidores, forjando as personalidades com base em seus ritos e dogmas.

Ambos os grupos apresentaram a forte influência que as famílias exercem na inserção das mulheres nas instituições. Outro aspecto comum entre as pesquisadas são os moldes passados pelas instituições para a conformação das famílias. A família tradicional, composta por marido, esposa e filhos é aspecto fundamental na padronização destas fiéis, além da busca para que todos estejam inseridos na dinâmica da igreja.

Outro aspecto fundamental, na dinâmica das mulheres com as instituições religiosas, é a participação destas nas funções de liderança nas igrejas. O que se explicita, na vivência das entrevistadas, é a limitação da autoridade nas denominações, uma vez que estas funções são historicamente destinadas ao homem, seguindo o contexto patriarcal do cristianismo. As posições, ocupadas por mulheres, se relacionam a dinâmica de organização e funcionamento das instituições, entretanto, seguem sem prestígio.

Ainda no que se refere as funções destinadas as mulheres, nas instituições evangélicas, podemos relacionar a falta de espaço concedido a elas a ausência de referências femininas no histórico das instituições. Quando questionadas, as entrevistadas se referiram, em totalidade, a lideranças e figuras masculinas que conduziram as denominações aos seus estados atuais.

Um dos grupos pesquisados é composto por mulheres que romperam seus vínculos com o cenário evangélico. A ruptura apresentou-se como um processo delicado entre estas mulheres, entendendo o longo vínculo e os reflexos da influência deste nos seus contextos pessoais. O grupo de mulheres ainda ativas no contexto evangélico também apresentou situações de ruptura e inserção em novas instituições. A busca por espaços que disponham de maior liberdade e atuação das mulheres se coloca como uma provocativa para ambos os grupos nas diferentes situações de rompimento.

As trajetórias religiosas, experienciadas por mulheres e relatadas neste estudo, perpassam situações comuns, embora tenham sido vivenciadas em igrejas protestantes diversas. A compreensão do papel da religião e seus espaços como formadores de identidades se exprime nas falas e nos padrões apresentados pelas entrevistadas. O papel designado as mulheres ainda está fortemente relacionado à condição biológica da reprodução, enquanto funções de liderança que apresentam prestígio nas instituições são reservadas a figura masculina.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon Freire; FAJARDO, Maxwell Pinheiro Pentecostalismo: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero? **Estudos de Religião**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 95-112, 2016.
- ALGRANTI, Joaquín M. Tres posiciones de la mujer cristiana: estudio sobre las relaciones de género em la narrativa maestra del pentecostalismo. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 9, n. 9, p. 165-193, 2007.
- BANDINI, Claudirene A. P. Corpos, símbolos e poder: marcadores de desigualdades sociais no espaço religioso. **REVER Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 71-86, 2005.
- BANDINI, Claudirene A. P. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus. **Horizonte -Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1410-1426, 2015.
- BIRMAN, Patricia. Mediação feminina e identidades pentecostais. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 221-226, 1996.
- BORIS, Geoge D. B. **Falas de homens: a construção da subjetividade masculina**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. **Horizonte Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.127-143, 2008.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 24, n. 39, p. 214-234, 2010.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

FONSECA, Maria Elizabeth Melo. Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse? **Paralellus**, Recife, v. 2, n. 4, p. 213-226, 2013.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 13, p. 377-390, 2016.

GOUVÊA NETO, Ana Luiza. Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 89-106, 2015.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo Rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 144-162, 2007.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, Helena et al (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67-75.

LAPA, Thaís de Souza. Desigualdade salarial por sexo: persistências, transformações e desafios. **Revista da ABET**, v. 15, n. 1, p.127-137, 2016.

LIMA, Maria Lúcia Chaves; MÉLLO, Ricardo Pimentel. As vicissitudes da noção de gênero: por uma concepção estética e antiessencialista. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 1, p. 181-206, 2012.

LOPES, Mercedes. Gênero e discurso religioso. **Revista RelegensThréskeia**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 60-70, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos. SOS mulher: a identidade feminina na mídia pentecostal. **CienciasSociales y Religión**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 167-188, 1999.

MAFRA, Clara. O percurso de vida que faz o gênero: reflexões antropológicas a partir de etnografias desenvolvidas com pentecostais no Brasil e em Moçambique. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p.124-148, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira.; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORENO, Renata (org.). **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2014.

MUSSKOPF, André S. Haverá gênero e religião? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 2, n. 2, p.10-25, 2013.

- NUNES, Maria José F. Rosado. Religiões. In: Hirata, Helena et al (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 213-217.
- ROESE, Anete. Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p.1534-1558, 2015.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Recife, v. 20 n. 2, 1990.
- SOUZA, Sandra Duarte. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 21-29, dez., 2006.
- SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. Experiências de mulher: técnicas de si no Pentecostalismo. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 12, p. 159-174, 2015.
- TEIXEIRA, Jaqueline Morais. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 232-256, 2014.
- TEIXEIRA, Marilane. Oliveira. Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas. **Gênero**. Niterói, v. 9, n. 1 p. 34, 2008.
- VILLAS-BOAS, Susana; OLIVEIRA, Catarina Sales; HERAS, SoledadLas. Tarefas domésticas e gênero: representações de estudantes do ensino superior. **Ex aequo**, Lisboa , n. 30, p. 113-129, 2014.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 44, n. 22, p.203-220, 2014.
- WACQUANT, Loïc. (2006). Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, 26, 13-29.